

**FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS - FEF  
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS - FIFE**

**Marina Nossa Neto**

**WIKILEAKS E AS FERRAMENTAS ALTERNATIVAS DE  
TECNOLOGIA COMO PRÁTICAS JORNALÍSTICAS: AS NOVAS  
FORMAS DE RESISTÊNCIA ATIVISTA NA ERA DA INFORMAÇÃO**

**FERNANDÓPOLIS  
2014**

**Marina Nossa Neto**

**WIKILEAKS E AS FERRAMENTAS ALTERNATIVAS DE TECNOLOGIA COMO  
PRÁTICAS JORNALÍSTICAS: AS NOVAS FORMAS DE RESISTÊNCIA ATIVISTA  
NA ERA DA INFORMAÇÃO**

Trabalho apresentado ao Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Fundação Educacional de Fernandópolis, como parte dos requisitos necessários para aprovação na banca.

Orientador:  
Prof. Me. Plínio Marcos Volponi Leal

**FERNANDÓPOLIS  
2014**

**MARINA NOSSA NETO**

**WIKILEAKS E AS FERRAMENTAS ALTERNATIVAS DE TECNOLOGIA COMO  
PRÁTICAS JORNALÍSTICAS: AS NOVAS FORMAS DE RESISTÊNCIA ATIVISTA  
NA ERA DA INFORMAÇÃO**

**Relatório final, apresentado a Fundação  
Educativa de Fernandópolis, como parte  
das exigências para a obtenção do título de  
bacharel em Jornalismo.**

**Fernandópolis, 18 de Junho de 2014.**

**BANCA EXAMINADORA**

**Plinio Marcos Volponi Leal**

---

**Prof. (Nome do orientador)**

**Glauciane Franco**

---

**Prof. (Nome do professor avaliador)**

**Marcelo Matos**

---

**Prof. (Nome do professor avaliador)**

*Para Christine Ann Assange e todos os  
envolvidos na luta por um ideal e pela liberdade  
de informação.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família pela compreensão e segurança durante todo o percurso deste trabalho e, em especial, a meu irmão, que pôde me acompanhar e aconselhar, propiciando-me aprendizagem e conhecimentos vinculados ao meu estudo e análise aprofundada para a realização desta monografia. Em segundo lugar, agradeço a meu namorado e companheiro pela segurança e acolhimento durante o tempo de estudo, propiciando-me foco para completar a última etapa da graduação.

*Se a liberdade significa alguma coisa, será, sobretudo, o direito de dizer às outras pessoas o que elas não querem ouvir. (Orwell, George, 1949)*

## RESUMO

O propósito deste trabalho é expor o advento do *WikiLeaks* e seu papel na luta pela transparência de informação na Internet. A pesquisa mostra que o *WikiLeaks* é usado tanto como um destino de compartilhamento de documentos como uma fonte de informação para estabelecer uma ação estratégica contra a guerra do sigilo. Na Era da Informação, discute-se a confidencialidade dos recursos de tecnologia digital contra questões de interesses diplomáticos por parte dos estados governamentais. A contribuição do *WikiLeaks* no episódio do *Cablegate* abriu debates em torno da utilização de ferramentas alternativas de tecnologia digital e do jornalismo tradicional com táticas de ativismo na internet, causando mudanças na técnica e ética jornalística. Desde então, o *WikiLeaks* se tornou um ator crucial no atual cenário do jornalismo investigativo.

**Palavras-chave:** WikiLeaks. Cablegate. Transparência de Informação. Jornalismo Investigativo. Hacktivism.

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to expose the advent of WikiLeaks and its role in the struggle for transparency of information on the Internet. This research shows that WikiLeaks is used both as a destination document sharing as a source of information to establish a strategic action against the war on secrecy. In the Information Age, it's been discussed the confidentiality of technology resources against digital issues diplomatic interests by government states. The contribution of WikiLeaks Cablegate episode opened debates on the use of alternative tools of digital technology and traditional journalism tactics of activism on the Internet, causing changes in the technical and ethical journalistic. Since then, WikiLeaks has become a crucial actor in current scenario of investigative journalism.

**Keywords:** WikiLeaks. Cablegate. Transparency of Information. Investigative Journalism. Hacktivism.



## Sumário

INTRODUÇÃO .....	4
1. CIBERATIVISMO COMO FONTE DE INFORMAÇÃO .....	6
1.1 O AMADURECIMENTO DO CIBERATIVISMO: O HACKTIVISMO COMO RESISTÊNCIA .....	8
1.2 A DESCENTRALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA INTERNET .....	9
1.3 TRANSPARÊNCIA PARA TODOS: PRESERVANDO A LIBERDADE DE EXPRESSÃO E INFORMAÇÃO NA INTERNET .....	11
2. O DEVER DE INFORMAR .....	14
2.2 O PODER PODE SER TRANSPARENTE? .....	16
3. CHRISTINE ASSANGE E AS OPERAÇÕES CIBERATIVISTAS .....	19
3.1 AS AÇÕES DO WIKILEAKS E A RESISTÊNCIA DO CIBERATIVISMO .....	20
3.2 O HACKTIVISMO NA PRÁTICA .....	23
CONCLUSÃO .....	26
Referências .....	27

## INTRODUÇÃO

“Uma guerra furiosa pelo futuro da sociedade está em andamento. Para a maioria, essa guerra é invisível”, alerta Julian Assange (2013, p. 9). “De um lado, uma rede de governos e corporações que espionam tudo o que fazemos. De outro, os cypherpunks, ativistas geeks virtuosos que desenvolvem códigos e influenciam políticas públicas. Foi esse o movimento que gerou o *WikiLeaks*” (ASSANGE, 2013; pg. 9). O *WikiLeaks* é um exemplo da regulação e distribuição de poder nas sociedades conectadas em redes e foi apresentado ao espaço comunicacional como algo inovador e democrático. A organização foi fundada em 1999 pelo jornalista e ciberativista Julian Assange, considerada uma plataforma sem fins lucrativos, marcando um importante espaço na história da luta pela transparência de informação na Internet e das mídias tradicionais.

O foco principal deste trabalho é expor o efeito das novas formas de resistência virtual em busca da transparência de informação na Internet, exclusivamente a partir da exposição de conteúdos sigilosos divulgados pelo *WikiLeaks*. Esta pesquisa concentra-se nos movimentos sociais, na luta pela democracia orquestrada por meio da Internet e nas novas práticas jornalísticas.

A primeira tarefa deste trabalho é explorar teoricamente o limbo do ciberespaço, com noções pouco difundidas sobre o Ciberativismo e a participação de agentes promovedores da transparência de informação na Internet. São conceitos importantes a serem considerados quando se lida com a democracia na Internet. Como diz Ugarte (2008) em *O Poder das Redes*, “quanto mais alto estivermos na pirâmide da informação, menos dependeremos de outros para recebermos informações e mais possibilidades teremos de transmiti-las”. A premissa básica citada por Ugarte (2008) é a compreensão de uma interatividade na Internet que atribui à forma de distribuição de comunicação a partir de ações de fenômenos sociais em desenvolvimento. Desta forma, enfatizaremos duas organizações: Hacktivismo e o *WikiLeaks*.

A partir do segundo capítulo, parte-se do pressuposto do fenômeno comunicacional que exaltou a facilidade da disseminação de informação sigilosa pela Web e o aumento do poder vinculativo de informações sem precedentes: o

*WikiLeaks*. Julian Assange, jornalista e fundador da organização, utilizou recursos de informações tecnológicas como difusores de informações confidenciais, tal como estendeu estrategicamente uma cobertura tática em conjunto com grandes meios de comunicação como o *The Guardian*, *Der Spiegel*, *The New York Times*, *Folha de São Paulo*, entre outros.

Nesta pesquisa, também foi analisada a participação de vários veículos de informação em massa que contribuíram para a mediação do episódio Cablegate. Ou seja, uma série de telegramas foi vazada a partir da utilização de ferramentas alternativas que atribuíram uma transformação técnico-funcional entre meios convencionais e atores não propriamente jornalísticos, mas que poderiam auxiliar no processo de decodificação de informações de interesse público.

Além disso, este trabalho enfoca a participação da mãe do ativista e fundador do *WikiLeaks*, Christine Assange, considerada uma personalidade notável no cenário da luta pela transparência de informação. Para isso, foi realizada uma entrevista exclusiva com a Christine Assange, por meio de chamada de voz, via Skype, para esclarecer dúvidas e obter opiniões sobre as circunstâncias atuais que a sociedade encontra ao lidar com o fenômeno da Internet, que serão discutidas com mais clareza no terceiro capítulo.

Sendo assim, foi possível a exploração aprofundada sobre o conjunto de ações conduzidas pelo *WikiLeaks* e outros atores do espaço midiático ao delatarem uma abundante divulgação de corrupção global entre corporações de vigilância em colaboração com governos de diversos países.

Atualmente, é importante ressaltar que uma das novidades do fenômeno *WikiLeaks* foi a clara percepção de que redes de ciberativistas enfrentam redes políticas que articulam Estados e grandes corporações, bem como mobilizações conservadoras que aglutinam cidadãos comuns (SILVEIRA, 2011; pg. 160).

Na concepção de Silveira (2011), o *WikiLeaks* se alia a uma política do escândalo designada em deslegitimar ações que ameaçam a liberdade e transparência de informação na internet e que favoreçam no enfraquecimento dos indivíduos nos debates cruciais e menos espetaculares, com a necessidade de incrementar uma solução democrática ao invés de autocrática.

## 1. CIBERATIVISMO COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

O Ciberativismo é conhecido como o uso da Rede Mundial de Computadores (World Wide Web) <sup>1</sup> para fornecer informações contra hegemônicas e inspirar movimentos sociais. É um fenômeno novo, em que as novas tecnologias de informação favorecem formas de mobilizações virtuais. Os movimentos instituídos por meio do ativismo na internet são centralizados em questões específicas, com a intenção de influenciar a sociedade na exigência pela liberdade de expressão.

O ciberativismo se confunde com a própria expansão da rede mundial de computadores. Ele influenciou decisivamente grande parte da dinâmica e das definições sobre os principais protocolos de comunicação utilizados na conformação da Internet. É possível posicionar os diversos grupos e atividades do ciberativismo situados mais à esquerda ou mais à direita. Todavia, esse enquadramento tradicional, que orientou a divisão política das ações e ideologias no mundo industrial, encontra crescente dificuldade operacional diante de muitas ações na sociedade informacional. (AMADEU, 2010, p.31).

Os movimentos sociais virtuais se difundiram a partir de ações do Ciberativismo, que utiliza ferramentas tecnológicas digitais com uma interface acessível e, logo, democrática. Em 2011, foram constantemente divulgadas mobilizações em Seattle, Washington, Praga, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Quebec, Gênova, entre outras. Essas mobilizações conseguiram conquistar destaque mundial entre as manifestações mais bem sucedidas pelo fato de terem obtido uma veiculação de conteúdos autônomos com poder de alcance instantâneo e global.

É importante observar a diversidade de ferramentas da internet para a dilatação global do ciberativismo. Para exercer Ciberativismo, é necessário utilizar qualquer plataforma com acesso à Internet ou dispositivos móveis. As mídias mais usadas para o Ciberativismo são o Twitter, Facebook, e YouTube, permitindo que

---

<sup>1</sup> Um sistema de documentos dispostos na Internet que permitem o acesso às informações apresentadas no formato de hipertexto. Para ter acesso a tais informações pode-se usar um programa de computador chamado navegador. A idéia de World Wide Web surgiu em 1980, na Suíça. O precursor da idéia foi o britânico Tim Berners-Lee. Um computador NeXTcube foi usado por Berners-Lee como primeiro servidor web e também para escrever o primeiro navegador, o WorldWideWeb, em 1990. <Fonte: <http://www.tecmundo.com.br/web/759-o-que-e-world-wide-web-.htm>. Acesso em: 07 Jun. 2014.

muitas estejam conectadas instantaneamente em uma rede de comunicação e têm a oportunidade de disseminar a informação local para um grande público. Devido a esse grande potencial, as tecnologias digitais são usadas para funções que estimulem ações coletivas, contribuindo para a democracia. A partir da análise de Castells (2011), os movimentos mais influentes devem ser simultaneamente enraizados em seu contexto local e voltados para um impacto global. É comum associar ciberativismo com rebeldia e ações ilegais.

As redes virtuais são sistemas organizacionais capazes de reunir indivíduos e entidades de forma democrática com objetivos populares, com o propósito de estabelecer o trabalho colaborativo e participativo (CASTELLS, 2011). Assim, a difusão das novas tecnologias de informação contribuiu para uma transformação da plataforma Web 2.0<sup>2</sup>. Segundo Primo (2013), com o aparecimento de blogs, a atividade de publicação na internet foi facilitada, ainda mais, com a colaboração de diversos meios independentes de comunicação, não necessitando mais do domínio de código HTML, tal como ocorria nas antigas home pages.

É importante mencionar que o crescimento e o poder das novas formas de ativismo na Internet fizeram com que a *web* se tornasse um ambiente para a disputa entre meios de comunicação convencionais e ferramentas alternativas de tecnologia, pois visando Castells (2011), na era da Internet, o controle da comunicação pelas redes torna-se a alavanca pelos quais interesses e valores são transformados em normas de comportamento humano.

Uma vez que os jornais de hoje dependem de fontes online, há veículos de comunicação impresso tradicionais que fornecem conteúdos online exclusivos, os quais favorecem sua credibilidade na prática jornalística digital, mecanismo de múltiplas plataformas que ficou evidente no episódio de vazamentos de documentos pelo *WikiLeaks*, decorrido da parceria com veículos impressos e online como o New York Times, The Guardian, Der Spiegel, Folha de São Paulo e outros jornais usados como canais para publicações de documentos secretos.

A divulgação em massa que contou com parcerias entre jornais foi marcado por uma série de telegramas que continham informações confidenciais dos Estados Unidos sobre fatos e relatos da guerra do Iraque e o uso militar de drones contra

---

<sup>2</sup> O objetivo da Web 2.0 é fornecer ao usuário mais criatividade, compartilhamento de informação e, mais que tudo, colaboração entre eles, fazendo com que esses navegantes tomem parte nesta revolução. Fonte: <http://www.tecmundo.com.br/web/183-o-que-e-web-2-0-.htm#ixzz2vt6BMWTS>. Acesso em: 03 Abr. 2014

cidadãos inocentes. O Cablegate contou com a união de esforços políticos, jornalísticos e tecnológicos na luta do dever de informar, tornando-se assim o primeiro vazamento da história de informações sigilosas da internet. Foi uma conquista para o Ciberativismo e para sua legitimidade.

### **1.1 O AMADURECIMENTO DO CIBERATIVISMO: O HACKTIVISMO COMO RESISTÊNCIA**

O ano de 2003 ficou lembrado por ações nomeadas como ativismo virtual e a legitimação de operações pela internet que visavam defender direitos humanos e liberdades individuais. O grupo de hacktivistas conhecido como Anonymous partiu do ponto de auxiliar mobilizações pelo mundo como forma de resistência contra governos e corporações que ameaçam a transparência de informação e liberdades civis. A cooperação entre hacktivistas e cidadãos egípcios ficou nítida a partir dos protestos que manifestantes egípcios realizaram para a retirada do presidente Hosni Mubarak, que tinha planos de implantar um regime ditatorial no país, após revolução democrática no Oriente Médio, em 2010.

A origem do termo Anonymous se desenvolveu a partir de um site de imageboard<sup>3</sup>, o 4Chan<sup>4</sup>. Sabe-se que a estrutura deste weblog é constituída em fóruns de visualizações de imagens e grupos específicos de discussões, com a garantia do anonimato, como a seção “/b/”<sup>5</sup> (diversas temáticas). Essa especificidade incógnita dos usuários era utilizar o nickname como “anonymous”, sendo que seu uso transformou algumas atividades virtuais em ações de *trolling*<sup>6</sup>. A partir de então, o grupo Anonymous edificou interesses individuais de cada usuário para algo idealizado, tornando-se responsável por ações políticas a partir de ações coletivas.

É mais importante o desenvolvimento de ferramentas que tornem claramente visível a possibilidade do hacking social aos

---

<sup>3</sup> Familiarizado como chan, abreviatura do inglês channel; é um tipo de fórum de discussão que se baseia na postagem de imagens e texto, geralmente de forma anônima, do qual o representante mais conhecido é o americano 4chan.

<sup>4</sup> O 4chan é o maior fórum de imagens dos Estados Unidos criado pelo jovem investidor Christopher Poole. Diferentemente das redes sociais como Facebook ou Twitter, o 4chan é subdividido em 49 canais temáticos, cada um é nomeado com letras e barras. Fonte: <http://super.abril.com.br/tecnologia/rede-antissocial-4chan-624494.shtml>. Endereço eletrônico: [www.4chan.org](http://www.4chan.org). Acesso em: 08 Jun. 2014.

<sup>5</sup> A seção /b/ é conhecida como sub-fórum “Random”, sendo a característica do 4chan mais popular e notória.

<sup>6</sup> A ação do trolling se dá pela incorporação dos usuários autodenominados como “trolls”, atuando nos canais /b/ entendidos como espaços liberados para difamar e “pregar peça”.

indivíduos, do que qualquer convocação que possamos organizar. O ciberativismo como filho da cultura hacker, se reitera no mito do “faça você mesmo”, da potência do indivíduo para gerar consensos e transmitir ideias em uma rede distribuída (UGARTE, 2008; p.57).

Neste contexto, as construções de identidades anônimas se tornaram uma forma de representatividade de resistência na internet ao longo dos anos. De acordo com Coleman (2011), as intervenções políticas e os protocolos da Internet desempenham um papel central na definição do percurso do ativismo na internet. Existem hackers que possuem seus trabalhos politicamente canalizados, contemplados como atores privilegiados no cenário atual da política da Internet.

Na visão de Alexandra Samuel (2004), o Hacktivismo é composto pela cooperação de políticas violadoras e de desobediência civil com as tecnologias e técnicas de computador. O resultado da ação orquestrada por hackers é a difusão de um repertório digital da política de infratores da era da informação, aplicada para uma gama de causas políticas e sociais. Para Castells (2011), as redes digitais de comunicação tornam-se a porta de entrada para o exercício do contrapoder, pois permitem que os mais diversos atores participem ativamente nos processos de comunicação global. Assim como em qualquer outra forma de ativismo digital, os hacktivistas adotam táticas que refletem na transformação da perspectiva política e social.

Ao contrário da maioria das formas de ações políticas, que exigem um grau de cooperação em massa, o Hacktivismo pode ser conduzido por um único agente (SAMUEL, 2004). Deste modo, o Hacktivismo é mais do que um fenômeno intrigante: é uma oportunidade para examinar questões que são particularmente exploradas e comandadas por um único indivíduo.

## **1.2A DESCENTRALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA INTERNET**

Nunca a informação correu tão rápida e foi tão compartilhada como ultimamente. Até mesmo informações confidenciais, como as divulgadas pelo WikiLeaks, estão acessíveis a todos. Surgiu uma nova forma de interagir, ou seja, compartilhar conteúdos que cada um domina, seja através de sites wikis, blogs, Facebook, Twitter ou outras plataformas. Com isso, ficou mais fácil ter acesso às

informações. Se levarmos em conta a afirmativa de que “informação é poder”, a internet 2.0 está democratizando esse poder.

A partir do ano de 2006 até os dias atuais, o Ciberativismo ganhou força e popularidade com o *WikiLeaks*, que se tornou famosa por facilitar denúncias e publicações de documentos confidenciais e sigilosos. O grupo de hacktivismo Anonymous tem incentivado debates sobre os ataques a sites e servidores por meio do sistema de DDoS<sup>7</sup> como uma tática de protesto legítimo, enquanto o *WikiLeaks* tem estimulado reflexões muitas vezes acaloradas sobre a nova face do jornalismo investigativo.

Christofolleti e Oliveira (2011) afirma que a colaboração de veículos convencionais com o *WikiLeaks* surgiu no contexto das atuais relações de parceria entre veículos tradicionais produtores de informação qualificada. Partindo dessa perspectiva, o *WikiLeaks* foi elevado ao reconhecimento de ser uma fonte de informação crível com o apoio da mídia, houve um aumento da velocidade de divulgação de informação e compartilhamentos de conteúdos para uma disseminação ampla. Desde o surgimento do *WikiLeaks*, um debate ético tem se intensificado na mídia. Não apenas sobre as implicações éticas do *WikiLeaks*, mas também as implicações éticas da prática jornalística – de noticiar ou não noticiar – que tornou o trabalho do jornalista como os olhos e ouvidos do público sobre eventos significantes.

Após o Cablegate, o *WikiLeaks* situou-se em um cenário controverso onde publicou em seu site em 26 de Julho de 2010, 92.000<sup>8</sup> documentos relativos ao envolvimento dos Estados Unidos no Afeganistão, entre janeiro de 1994 e dezembro de 2009. Tal fato trouxe legitimação para as ações do ciberativismo e novas práticas alternativas de jornalismo. No dia em que o *WikiLeaks* liberou os documentos, o The New York Times publicou um comunicado à imprensa explicando em detalhes a sua decisão de expor uma série de artigos com base em sua visualização dos documentos vazados pela organização. No mesmo ano, em 2010, a revista alemã Der Spiegel também publicou no site oficial, uma nota que descreve sua decisão de publicar artigos referidos a divulgação em massa de documentos sigilosos.

---

<sup>7</sup> O ataque distribuído por negação de serviço (do inglês Distributed Denial-of-Service attack) atinge sua meta excedendo os limites do servidor. Para tal façanha, os responsáveis pelo ataque criam programas maliciosos que são instalados em diversas máquinas, as quais realizarão múltiplos acessos simultâneos ao site em questão. Fonte: <<http://www.tecmundo.com.br/seguranca/10970-ddos-como-funciona-um-ataque-distribuido-por-negacao-de-servico.htm>>

<sup>8</sup> Documentos de Guerra – Afeganistão: <<http://wl.wikileaks-press.org/afg/>>. Acesso em: 12 Fev. 2014.



A Internet é uma rede que amplia o poder e potencial de todos os outros. E é por isso que acreditamos que é fundamental que os seus usuários têm a garantia de certas liberdades básicas. Liberdade de expressão é o primeiro entre eles. Esta liberdade não é mais definida exclusivamente pelo fato de os cidadãos poderem ir à praça da cidade e criticar seu governo, sem medo de represálias. Blogs, e-mails, redes sociais e mensagens de texto têm aberto novos fóruns para troca de ideias, e criou novos alvos para a censura (tradução nossa)<sup>9</sup>.

Lynch (2008) afirma que para a segurança das publicações, tanto nos sites espelhos do WikiLeaks como no site original, é necessária uma barreira criptográfica que assegure a estabilidade dos documentos vazados, sem a violação de jurisdições. Desta forma, é importante ressaltar que, o interesse do *Wikileaks* e o seu papel como ferramenta alternativa de comunicação causaram implicações na diplomacia de diversos países após o Cablegate, desencadeando uma série de debates contra ações eficazes de defesas das liberdades básicas na sociedade em rede.

### **1.3 TRANSPARÊNCIA PARA TODOS: PRESERVANDO A LIBERDADE DE EXPRESSÃO E INFORMAÇÃO NA INTERNET**

A liberdade de expressão é um direito universal. “As diversas manifestações conflitantes permeiam o processo colaborativo enquanto forma de construção de conhecimento do coletivo e próprio” (PRIMO, 2013; p.185). O direito de se expressar permite um debate favorecido sobre os valores políticos, sociais e morais, e incentiva a atividade artística e acadêmica livre de inibições. Contudo, a liberdade de expressão pode ser limitada pela visão homogênea e tendenciosa dos fatos, favorecendo na formação de um monopólio midiático e controle absoluto das novas ferramentas de tecnologia.

O discurso on-line provavelmente existirá em uma zona de penumbra, semi-livre, às vezes capaz de ameaçar instituições poderosas e outras

---

<sup>9</sup> Do original: “The Internet is a network that magnifies the power and potential of all others. And that is why we believe it is critical that its users are assured certain basic freedoms. Freedom of expression is the first among them. This freedom is no longer defined solely by the fact that citizens will go to the town square and criticize their government without fear of reprisal. Blogs, emails, social networks and text messages have opened up new forums for exchanging ideas, and created new targets for censorship” (SIFRY, 2011, P. 17).

vezes sujeitas a seus caprichos. O que é necessário é haver uma discussão mais intensa de como a Internet pode se tornar uma arena pública, genuinamente livre, uma praça da cidade, onde qualquer um pode se expressar. Ou, para ser mais preciso, uma Internet cuja arquitetura subjacente é realmente livre do controle governamental ou corporativo, e também descentralizada e incontrolável como a vida é em si mesma (tradução nossa) <sup>10</sup>.

Conforme Sifry (2011), a visibilidade de conteúdos na internet e o equilíbrio instigado do indivíduo molda uma forma de liberdade de expressão para que o público esteja apto a transformar o ciberespaço em uma área fortemente ligada às ideias fundamentais de um agendamento público na internet. Nesse sentido, Ugarte (2008) aponta a veiculação de informação livre como um propósito para o exercício e difusão do discurso político e a importância de colocar à disposição pública ferramentas que devolvam às pessoas poder e a visibilidade que hoje são monopolizadas pelas instituições políticas, como emissoras de rádio e TV.

Quando se discute sobre uma Internet livre, não implica apenas em uma sociedade transparente. Em razão disso, é necessário um controle informacional, um conjunto de leis e normas claras que definam os tipos de informações registradas, os prazos em que permanecerão gravadas, as razões que permitam a consulta e principalmente, o cruzamento entre os bancos de dados, para que sejam garantidos os direitos fundamentais dos cidadãos sem que sua privacidade seja exposta.

Depois dos ataques de 11 de setembro de 2001, a NSA<sup>11</sup> (National Security Agency) desenvolveu um sistema de espionagem para ter acesso a todo tipo de dado transmitido pelas empresas de telecomunicações, inclusive por meio da internet. As escutas funcionaram sem autorização judicial entre 2002 e 2006. A existência do programa de coleta de dados telefônicos foi objeto da primeira reportagem do jornalista Glenn Greenwald<sup>12</sup> realizada com base nos documentos

---

<sup>10</sup> Do original: "The online discourse probably exist in a twilight zone, semi-free, sometimes able to threaten powerful institutions and other times subject to their whims. What is needed is to have a more intense discussion of how the Internet can become a public arena, genuinely free, a town square, where anyone can express themselves. Or, to be more precise, an Internet whose underlying architecture is truly free of government or corporate control, and also decentralized and uncontrollable as life itself is" (SIFRY, 2011, P. 22).

<sup>11</sup> A Agência de Segurança Nacional é parte do Departamento de Defesa dos Estados Unidos e tradicionalmente comandado por um general de três estrelas ligado a área de segurança. É responsável por interceptar e analisar ligações externas para garantir a segurança do país e dos seus aliados. Mais em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ag%C3%Aancia\\_de\\_Seguran%C3%A7a\\_Nacional](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ag%C3%Aancia_de_Seguran%C3%A7a_Nacional)>. Acesso em: 13 Mar. 2014.

<sup>12</sup> Glenn Greenwald, 46, é ex-advogado formado pela New York University, que desde 2005 atua no jornalismo, trabalhando atualmente para o jornal britânico The Guardian, onde revelou que a agência de espionagem britânica GCHQ (Escritório de Comunicação Governamental) monitora e-mails e chamadas telefônicas em escala global, interceptando cabos de fibra óptica e trabalhando com parceiros no mundo todo.

entregues pelo ex-técnico da NSA, Edward Snowden<sup>13</sup>. A partir desta matéria publicada pelo jornal britânico The Guardian no dia 5 de junho de 2013, a NSA iniciou uma série de revelações que mostraram o alcance global do serviço de espionagem americano. Quanto mais conteúdos eram divulgados, os números se tornavam mais impactantes. No dia 11 de junho de 2013, uma reportagem do The Guardian mostrou que apenas no mês de março a NSA havia coletado 97 bilhões de dados de redes de computadores em todo o mundo<sup>14</sup>.

Diante da participação de agentes vigilantes nos canais particulares de comunicação, para Julian Assange (2013), a interceptação de informações é considerada uma violação no direito de ir e vir do cidadão comum, uma vez que desde o nascimento da Internet e expansão das práticas ciberativistas, o protocolo de utilização de qualquer ferramenta interligada à web foi estabelecido propriamente para o livre acesso à informação, livre disseminação e compartilhamento de conteúdos com o propósito de efetivar o fundamento da transparência de informação.

Hoje isso é feito por todo mundo e praticamente todos os Estados, em consequência da comercialização da vigilância em massa. E ela tem sido muito mais totalizadora agora, porque as pessoas divulgam suas ideias políticas, suas comunicações familiares e suas amizades na internet (ASSANGE, 2013; p.43).

De acordo com Assange (2013), o século 21 está marcado com a guerra virtual travada entre o poder dessas informações coletadas por “insiders” – Estados políticos paralelos de informações que estão começando a se desenvolver com o processo de censura da transparência de informação, elaborando conexões entre si e com o setor privado – contra um domínio de informações cada vez maior, com a internet operando como uma ferramenta comunitária para que a humanidade mantenha um canal para comunicação.

---

<sup>13</sup> Snowden foi ex-analista de inteligência norte-americano que tornou públicos detalhes de vários programas altamente confidenciais de vigilância eletrônica dos governos de Estados Unidos. Foi colaborador terceirizado da Agência de Segurança Nacional (NSA) e foi também funcionário da Central Intelligence Agency (CIA).

<sup>14</sup> A operação, que foi batizada de Prism, revelou que a NSA, há sete anos, coleta dados e informações dos cidadãos norte-americanos por meio da Verizon. O mecanismo de controle permite identificar data, horário e local das ligações dentro dos EUA e para o exterior.

## 2. O DEVER DE INFORMAR

Nos últimos anos, houve o desenvolvimento contínuo das ferramentas de compartilhamento de conteúdos na rede. Para que elas fossem aplicadas, foi necessária uma revolução informacional. Conforme Castells (2011), as redes constituem a nova estrutura social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes virtuais modifica de forma considerável a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura.

É possível ser dito que a Internet se constitui uma ferramenta imprescindível para as lutas sociais contemporâneas, já que facilita as atividades, pode unir e mobilizar pessoas e entidades de diferentes localidades em prol de uma causa local ou transnacional, bem como quebrar o monopólio da emissão e divulgar informações “alternativas” sobre qualquer assunto (CAVALCANTI RÉGITANO, 2003, pg.2).

Há cinco anos o *WikiLeaks* era praticamente desconhecido pelas plataformas de vinculação de conteúdos. A organização é considerada inquietante para os jornalistas desde a sua eclosão no cenário do comunicativo, pois representa uma mudança radical na forma como a informação é recolhida e distribuída no cenário da mídia (CHRISTOFOLLETI E OLIVEIRA, 2011). Depois do ocorrido com a mídia impressa como o *The Guardian* e *Der Spiegel*, em relação à colaboração com o *WikiLeaks*, para contribuir com a ética jornalística, os jornalistas têm o direito de fazer julgamentos sobre quais documentos veicular e se é necessário ou não mencionar as fontes com base no interesse público e o risco de infligir danos aos inocentes.

Uma das consequências desta nova realidade de cruzamento de informações armazenadas em banco de dados é a crescente dificuldade de preservar os sigilos de dados bancários e das comunicações diplomáticas por meio de *emails* confidenciais. O vazamento de informações pelo *WikiLeaks* vem revelando condutas discutíveis. Um dos seus objetivos é notável o escândalo político que resultou na queda da reputação de instituições e corporações, o que resultou na desconfiança dos cidadãos em relação aos governantes.

## 2.1 A DIFUSÃO DO WIKILEAKS NO CENÁRIO COMUNICATIVO

A primeira operação do *WikiLeaks* ocorreu no Quênia em 2008, quando a organização obteve numerosas cópias de documentos confidenciais que envolvia a investigação da corrupção do ex-presidente Daniel Arap Moi<sup>15</sup> e, mais tarde, publicados pelo *WikiLeaks*. Julian Assange afirmou, tempos depois, que a publicação resultou em uma mudança de 10% no padrão de votação do Quênia. Conforme o intuito desta operação, a liberação de documentações secretas, conduziu a colaboração da organização como uma ferramenta de transparência de informação para aperfeiçoar o modelo de veiculação alternativa de informações, e com cada novo vazamento, a eficácia do *WikiLeaks* torna-se cada vez mais evidente pelo mundo.

Wiki significa rápido em havaiano, é o nome que se dá a toda uma família de programas e serviços utilizados para escrever livros e disponibilizar conteúdos de mídia de forma colaborativa, inclusive abertos às contribuições dos usuários (UGARTE, 2008, p. 93).

Os novos e tradicionais meios de comunicação têm-se revelado cada vez mais indispensáveis com a evolução da informação disseminada em massa. Novos meios de comunicação tornaram-se ferramentas essenciais para os jornalistas. A colaboração entre mecanismos novos de informação e meios de comunicação tradicionais é evidenciado por mudanças na estratégia de veiculação de informação, da organização *WikiLeaks*.

Nas palavras de Christofolletti e Oliveira (2011), os meios de comunicações tradicionais com os meios alternativos vêm resistindo a transformações nos últimos quatorze anos, e o *WikiLeaks* faz parte da porção deste cenário comunicativo. “O *WikiLeaks* aponta, ainda, para a necessidade de o jornalismo retomar e reafirmar a liberdade em sua dimensão mais profunda: enquanto princípio e direito humano

---

<sup>15</sup> Julian Assange divulgou documentos sobre o Quênia que comprovavam que Daniel Arap Moi, que governou o país por 18 anos, roubou US\$ 3 bilhões do Tesouro queniano para investir em bancos suíços, de Londres e de Nova York. Fonte dos telegramas: <<http://www.scoop.co.nz/stories/WL0710/S01016/cablegate-kenya-elections-kenya-elections-the-swing.htm>> Mais em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2011/09/01/20110901A-grande-verdade-e-a-verdade-sobre-as-mentiras.html>> Acesso em: 4 Fev. 2014.

fundamental e de todos” (CHRISTOFOLETTI, OLIVEIRA, 2011).

Para complementar este estudo, no livro documentário produzido por Julian Assange, *Cypherpunks: Liberdade e Futuro na Internet* (2013) foi introduzido um debate com um conjunto de hipóteses e ideias entre colaboradores ativistas de várias partes do mundo sobre as questões políticas de privacidade e liberdade de expressão na internet que estão sendo ameaçadas com a arquitetura de programas de vigilância na internet e dados pessoais.

Dentre os quatro colaboradores, o ativista e programador alemão Andy Müller-Maguhn cita que “houve um investimento gigantesco em vigilância porque as pessoas no poder temiam que a internet pudesse afetar seus métodos de governança”. A censura, em termos gerais, é um subproduto da vigilância, seja na forma da autocensura ou na de uma censura técnica (ASSANGE, 2013). No que diz a respeito à expansão da internet, autoridades de várias nações pelo mundo enxergam a *web* como um distúrbio que afeta a capacidade de definir a realidade e tentam compreender como a população pode ser capaz de interagir com a realidade sem estarem informados.

## 2.2 O PODER PODE SER TRANSPARENTE?

Na visão de Castells (2011), o *WikiLeaks* é considerado um novo ator no cenário informativo, tanto para a determinação de cobertura e veiculação jornalística de conteúdos exclusivos quanto como representação independente de um parceiro tecnológico do jornalismo convencional. A partir da formação colaborativa estratégica no cenário da comunicação digital, ordenada por Julian Assange e o jornal britânico *The Guardian*, no começo, o propósito era liberar os dados no site do *WikiLeaks* e obter uma cobertura especializada da mídia, sendo que a exposição de documentos confidenciais estabeleceu nitidamente o verdadeiro propósito de uma Internet democratizada e livre: a transparência do poder vinculativo de conteúdos em massa.

A prática de difusão de informação no século XXI, baseia-se em uma forma de resistência ligada ao lapso da transparência de informação. Para que isso fosse mobilizado por um canal difusor de informações, Julian Assange exerceu o direito garantido na Constituição dos Estados Unidos à liberdade de expressão

(CAVALCANTI REGITANO, 2003).

“Contudo, é extremamente necessário lembrar que guerras instantâneas, cirúrgicas, segregadas, com base na tecnologia são privilégios das nações tecnológicas dominantes” (CASTELLS, 2011, pg. 551). Como exposto por Castells (2011), o poder de informar detém de uma cultura da virtualidade real, onde se pode encontrar uma limitação de exposição da realidade instantaneamente difundida pelas redes.

As conexões nessas ferramentas parecem estar amplificadas pelas práticas sociais dos atores, amplificando, também, todas as características dos públicos em rede. Quanto mais conectadas estão essas redes, mais visíveis estão as mensagens que são publicadas pelos atores e mais capazes são de serem discutidas, buscadas, replicadas e reproduzidas pelos demais (PRIMO, 2012; p. 55).

Para o ativista Jérémie Zimmermann, a internet é um mecanismo contra narrativas políticas que, por sua vez, submetem-se da emotividade e dos intervalos curtos das notícias das mídias (ASSANGE, 2013). Nos últimos anos, o encadeamento da transparência beneficiou o espaço dos discursos políticos de governantes. Com isso, constata-se que portais de transparência surgem constantemente, assegurando à população acesso ao sistema de documentos do governo, corporações e gastos públicos.

O *WikiLeaks* vem sendo considerado um estímulo para o ciberativismo junto com elementos da comunicação tradicional, porque a primeira versão que foi exposta do ACTA<sup>16</sup> (em português, Acordo Comercial Anticontrafação) em 2006 pela organização, segundo Primo (2012), mostrou a forma da eficácia da Web 2.0 caracterizada por potencializar formas de publicação, compartilhamento e organizações de informações para ampliar os espaços para a interação entre o público. O incômodo provocado pela determinação de jurisdições que ameaçam a transparência de informação na internet moldam a estrutura da Internet e opiniões quanto à liberdade de expressão oprimida. Assim como conta Ugarte (2008), as

---

<sup>16</sup> O ACTA é um tratado comercial internacional que entrou em negociação entre os países participantes, com o objetivo de estabelecer padrões internacionais para o cumprimento da legislação sobre marcas registradas, patentes e direitos autorais. De acordo com seus proponentes, como resposta “ao aumento da circulação global de bens falsificados e de pirataria de obras protegidas por direitos autorais”. Em de Julho de 2012, o Parlamento Europeu derrubou o ACTA com 478 votos contra, 39 votos a favor e 169 abstenções. Mais em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Acordo\\_Comercial\\_Anticontrafa%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Acordo_Comercial_Anticontrafa%C3%A7%C3%A3o)> Acesso em: 13 Mar. 2014.

tentativas de controle do cenário informacional são ineficazes, uma vez em que uma rede distribuída e o direito de informar são efetivos. Com estas mudanças nas ferramentas de comunicação digital, o mundo está disposto a expor a vida para uma organização como o *WikiLeaks*?



### 3. CHRISTINE ASSANGE E AS OPERAÇÕES CIBERATIVISTAS

Diante da complexidade do atual contexto da censura, durante alguns meses, tive a oportunidade de condicionar um diálogo com a ativista Christine Assange sobre as implicações da liberdade de informação em nossa sociedade atual. No começo, trocamos mensagens por meio do Twitter, para uma comunicação mais efetiva, propus à ativista a possibilidade de mantermos contato por mensagem instantânea e voz, o Skype. Christine Assange, 61, é mãe do jornalista e fundador do WikiLeaks, e se comprometeu contribuir com este projeto acadêmico por meio de um debate. Para dar início ao diálogo, primeiramente fui advertida sobre sigilos específicos da conferência, processo pelo qual foi preciso respeitar e consentir assinando os termos de compromisso, recomendados pela ativista.

Christine Ann Assange era ainda uma adolescente de 17 anos quando saiu de casa abruptamente em 1970, vendendo suas pinturas para comprar uma moto, uma barraca e um mapa. Cerca de 1.500 quilômetros depois, ela chegou a Sydney, onde se apaixonou por Shipton, um jovem rebelde que conheceu em uma manifestação contrária à Guerra do Vietnã. Após o nascimento de Julian Assange em 3 de julho de 1971, na cidade de Townsville, Queensland na Austrália, Christine, então mãe solteira, mudou-se para Magnetic Island, onde conheceu e se casou com Brett, ator e diretor de teatro.

Mais uma vez o relacionamento de Christine não durou por muito tempo. Logo após a separação, ela conheceu Leif Hamilto com quem namorou e teve um filho. Com o término da relação, houve uma luta pela custódia do meio-irmão de Assange da qual Christine saiu vitoriosa. Ainda assim ela preferiu fugir com seus dois filhos, como tinha medo de sofrer algum tipo de represália de Leif, o que deu início a cinco anos de mudanças consecutivas de residência.

Neste período, Christine alugou uma casa em frente a uma loja de eletrônicos, a qual começou a ser frequentada por Julian quando tinha seus 13 anos de idade. Dois anos mais tarde, Assange foi presenteado com um modem, e seu computador foi transformado em um portal para o ciberespaço.

Em função do estilo de vida que a família levava, Julian Assange e seu irmão não tiveram uma educação formal e contínua. Outro elemento que contribuiu para este fato era a desonra que Christine nutria em relação a esse modelo de educação.

Assim, no decorrer da infância e adolescência, Julian frequentou mais de 37 instituições de ensino sem obter qualificação em nenhuma delas. Entretanto, era um ávido leitor. “Julian passava a maior parte do tempo em bibliotecas, indo de um lado para o outro, atentando para cada um dos livros que encontrava nas citações”, contou Christine (2014).

Com o asilo político concebido a seu filho Julian Assange na embaixada do Equador em Londres, Christine teme que o seu filho ainda possa ser deportado para solo sueco. E assim, extraditado para os EUA com ordem judicial, sem acusação formal para ser preso por seu papel na publicação de vazamentos de telegramas diplomáticos secretos expondo as ações do governo dos EUA na participação na Guerra do Iraque.

### **3.1 WIKILEAKS<sup>17</sup> E A RESISTÊNCIA DO CIBERATIVISMO**

Selaimen (2011) afirma que o WikiLeaks possui a representação do primeiro conflito mantido pela ordem absoluta implementada na sociedade da informação e a cultura da Internet. Partindo do pressuposto da profundidade da guerra pela transparência de informação na governança do Estado, a distribuição de poder nas sociedades em redes de comunicação disseminada é operada em variados níveis, desde a arquitetura de redes e softwares livres aos processos de discussões de políticas públicas em plano nacional e global.

É possível afirmar com toda segurança que uma das grandes implicações do fenômeno Wikileaks, mais do que as revelações sobre os vazamentos, foi o esclarecimento da opinião pública internacional de que as grandes corporações podem tentar anular a liberdade de expressão pelo controle que possuem da infraestrutura de comunicação, dos backbones por onde os fluxos de informação transitam. Estas técnicas não são novas, mas elas não estavam tão evidentes para a imprensa e para os segmentos da sociedade civil interessados em política (SILVEIRA, 2011; p. 160).

---

<sup>17</sup> Todos os documentos vazados da organização desde o registro do domínio em 2006 podem ser encontrados pelo link [http://www.wikileaks.ch/w/index.php?title=Category:Leaked\\_files&from=A+CO+1-149+IN+%28WTT1A0%29](http://www.wikileaks.ch/w/index.php?title=Category:Leaked_files&from=A+CO+1-149+IN+%28WTT1A0%29) Acesso em: 14 Fev. 2014

O funcionamento do *WikiLeaks*, segundo Christofolletti e Oliveira (2011), opera a partir da necessidade de um jornalismo que envolve transparência e facilidade de contato direto com as fontes de informação; com o aumento da velocidade de acesso e edição; vasta quantidade de arquivos e bancos de dados que podem ser acessados online e ferramentas de pesquisa e recursos flexíveis para interatividade e publicação de conteúdos. Rosner (2011) declara que o *WikiLeaks* conseguiu agir de forma ilegal e transgressora com relação a legislações de alguns países, expondo informações que capacitavam um nível confidencial crítico com relação ao advento da era da informação no espaço da política internacional.

“Ao ampliarem a utilização da internet como suporte para a comunicação, dinamizando processos e recursos, tais setores tendem a aumentar suas riquezas e, conseqüentemente, sua influência e poder nas sociedades” (CHRISTOFOLLETTI; OLIVEIRA, 2011; p.233). Com isso, com o aparecimento do *WikiLeaks*, as legislações da maioria dos países do mundo eram limitadas ao lidar com a produção de conhecimento livre por meio de veiculação de conteúdos exclusivos na rede.

Conforme Leigh e Harding (2011), o episódio de vazamentos de telegramas que comprometeram as ações de guerra dos Estados Unidos, o Cablegate, provou que novas formas de colaboração podem ser administradas entre veículos convencionais, que têm a praticidade jornalística. Antes mesmo do Cablegate, tornou-se viral as imagens de um helicóptero Apache dos Estados Unidos em posição de ataque à longa distância contra civis e matando inclusive dois jornalistas em 2010, e os da Guerra do Iraque, em outubro do mesmo ano, mostrando falhas em operações e conseqüente encobrimento de informações comprometedoras contra a mídia global (LEIGH; HARDING 2011). A realidade é que o *WikiLeaks* contribuiu para a transformação dos procedimentos de pesquisa e publicação de conteúdos com o sigilo da comunicação diplomática em diversos países, o que gerou cidadãos conscientes e interessados na realidade política de seus Estados e respectivos desdobramentos da transparência de informação (OLIVEIRA, 2011).

O *WikiLeaks* vem se tornando útil na concepção de repórteres investigativos como uma fonte de vazamentos de credibilidade por meio do *web site* e a habilidade de seus colaboradores para coletar informações de interesse jornalístico (LYNCH, 2008). Desta forma, afirmaremos que o *WikiLeaks* é um método alternativo para o jornalismo investigativo em ascensão, não só por causa de seus conteúdos, mas por

suas práticas, formas e ideias que estão intimamente entrelaçadas em um novo tipo de plataforma de disseminação de informação, processo esse que se torna viável ao longo do surgimento de tecnologias. Esses recursos os jornalistas estão começando a descobrir com cautela.

Os desdobramentos são imprevisíveis e podem recrudescer tentativas de interferência na estrutura não hierárquica da Internet e podem criar um polo centralizador do fluxo informacional – o que viabilizaria seu formato democrático. O ciberativismo delineia um cenário intrigante, em que a liberdade de informação tende a ser uma das grandes batalhas deste século (FERREIRA DA CRUZ, 2012; p. 94).

É importante destacar que a organização *WikiLeaks* simboliza o esclarecimento da opinião pública de que grandes corporações podem tentar anular a liberdade de expressão em processo de reivindicação pelo controle que possuem da infraestrutura de comunicação. Foram registrados acontecimentos em torno da organização que, com a colaboração dos hackers do coletivo Anonymous, conseguiram evitar a intervenção das grandes corporações na tentativa de impedir que a política de exposição de informações do *WikiLeaks* se tornasse popular na Internet. O Anonymous articulou a “Operação Payback”<sup>18</sup>, reunindo-se em canais de comunicação descentralizados pela internet, como o IRC<sup>19</sup> e no próprio Twitter, membros do movimento do hacktivismo para aumentar o acesso aos servidores do PayPal, Mastercard e Visa, até o momento em que as máquinas não consigam mais processar as solicitações de acesso e travem.

Para Primo (2013), as mixagens de ideais unidos por um objetivo clamam pela luta e descriminalização de movimentos articulados pela rede por uma sociedade ameaçada pelas novas formas de controle da rede. É possível constatar que a decomposição das redes de comunicação enfrentam interesses opostos, o que ocorre no novo caso do *WikiLeaks* em se unir entre hackers e cidadãos com um

---

<sup>18</sup> A Operação PayBack foi uma onda de protestos em defesa do *WikiLeaks* sites da Visa e Mastercard, após vazamentos de documentos confidenciais do governo norte americano, que em apoio a nação americana, rompeu transferências e abastecimento financeiro para o <http://wikileaks.com/>. Fonte: <http://www.revistaforum.com.br/rodrigovianna/outras-palavras/resistencia-politica-hacktivismo-e-anonymous-brasil.html>. Acesso em: 11 Jun. 2014

<sup>19</sup> IRC é a abreviatura de Internet *Relay Chat*, é um protocolo da internet voltado para bate-papos, basicamente a rede IRC é composta de servidores que abrigam os canais (salas) de bate-papo. Alguns dos populares canais de IRC são o ICQ, Quakenet, IRCnet, Undernet e Freenode. Fonte: <<http://www.interney.net/blogfaq.php?p=6515696>>. Acesso em: 10 Jun. 2014.

objetivo comum: alertar o mundo sobre a seriedade do controle privado sobre a Internet.

### 3.2 O HACKTIVISMO NA PRÁTICA

Samuel (2004, p. 2) afirma que o hacktivismismo é “o uso não violento, legal ou ilegal, de ferramentas digitais para perseguir finalidades políticas com o objetivo de abrir conexões vastas de comunicação”. Na perspectiva de Castells (2011), a produção de novas formas de disseminação de informação na rede é estruturada culturalmente por segmentos que moldam o desenvolvimento de um canal descentralizado da comunicação. Estes segmentos são compostos por camadas de construtores do espaço virtual. Entre estas camadas, estão os hackers.

A definição original de hacker era a de “um programador de computador talentoso que poderia resolver qualquer problema muito rapidamente, de modo inovador e utilizando meios não convencionais.” Entretanto, esse termo foi colocado em disputa quanto mais as redes informacionais adquiriram importância econômica e social. Em um primeiro momento, porque os compromissos dos hackers com a liberdade de informação e com o compartilhamento de códigos eram vistos como negativos para a acumulação e lucratividade das grandes corporações (AMADEU, 2010; p.34).

Os hackers constroem e configuram a tecnologia por prazer, para se comunicar e colaborar uns com os outros usando ferramentas alternativas de compartilhamento de conteúdos e, mais importante, derivam e expressam formas de valor pelas habilidades com software livre<sup>20</sup> (COLEMAN, 2008; p. 512). Estas experiências determinam seus públicos, suas políticas e seus compromissos éticos, especialmente pelo fato de que hackers não atuam separadamente, mas estão profundamente envolvidos em várias teias institucionais<sup>21</sup> e culturais distintas com interesses comuns.

Podemos afirmar que os hackers frequentemente conseguem obter ações

---

<sup>20</sup> Por “software livre” é o software que respeita a liberdade e senso de comunidade dos usuários. Grosso modo, os usuários possuem a liberdade de executar, copiar, distribuir, estudar, mudar e melhorar o software. Com essas liberdades, os usuários (tanto individualmente quanto coletivamente) controlam o programa e o que ele faz por eles. Fonte: <http://www.gnu.org/philosophy/free-sw.pt-br.html>; Acesso em: 23 Maio 2014.

<sup>21</sup> “A grande teia é a chave para a internet”. – Fonte: <http://super.abril.com.br/tecnologia/grande-teia-chave-internet-488652.shtml>; Acesso em: 24 Maio 2014.

que extrapolam os limites do funcionamento de sistemas ameaçados pelos hacktivistas, incluindo, por exemplo, contornar as barreiras que supostamente deveriam impedir o controle de sistemas e acesso a certos dados confidenciais. Sendo assim, durante o início das atividades, as técnicas desenvolvidas com mais planejamento e discussão pareceram coincidir com o momento em que o Anonymous passa a agir com mais intensidade na defesa de questões de caráter político. Exemplo disso foi quando saíram em defesa do *WikiLeaks* e do seu fundador, Julian Assange.<sup>22</sup> Os Anonymous auxiliaram a organização a partir do momento em que extraíram arquivos e enviaram ao *WikiLeaks* para efetivar o vazamento de documentações confidenciais.

Os Hackers acreditam que lições essenciais podem ser aprendidas sobre os sistemas - sobre o mundo - de desmontar coisas, ver como eles funcionam, e usar esse conhecimento para criar sistemas novos e ainda mais interessantes. Eles se ressentem de qualquer pessoa, barreira física, ou lei que tenta impedi-los de concluir o trabalho (Tradução nossa)<sup>23</sup>.

O ápice das ações orquestradas pelo Anonymous, segundo Olson (2014), foi durante o episódio em que colaboraram com os cidadãos egípcios no contexto das manifestações que ficaram conhecidas como “Primavera Árabe”. A partir do momento em que o governo egípcio desativou as redes de conexão de internet do país, o grupo Anonymous orientou à população egípcia a religá-la pelo sistema de linhas discadas.

“O acesso aos computadores deve ser ilimitado e total. Todas as informações devem ser livres. Hackers desconfiam das autoridades e promovem a descentralização da Internet e clamam por liberdade ilimitada” (LÉVY, 2010; p.27). Diante disso, foi analisado que a experiência do Anonymous é determinada por uma relação complexa entre os desejos de *trolling*, intervenções políticas e domínio tecnológico com o objetivo de desestabilizar a supremacia governamental que impossibilita as ações de ativismo na Internet.

---

<sup>22</sup> O grupo Anonymous divulgou um comunicado a partir da “Operação Paypal” onde afirma não ter qualquer relação com o Wikileaks ou com o seu fundador, mas demonstrando um apoio total a Julian Assange, defendendo que “Lutam pelos mesmos objetivos: transparência e o fim da censura na Internet”. O comunicado pode ser visitado no link <http://pplware.sapo.pt/informacao/operacao-payback-em-defesa-do-wikileaks/> Acesso em: 27 Maio 2014.

<sup>23</sup> Do original: “Hackers believe that essential lessons can be learned about the systems—about the world—from taking things apart, seeing how they work, and using this knowledge to create new and even more interesting things. They resent any person, physical barrier, or law that tries to keep them from doing this (LÉVY, 2010; p.2).

Para Ugarte (2008), as técnicas de ativismo virtual são simbologias das chamadas “cibertubas”, consideradas manifestações convocadas por meio da comunicação instantânea pelos blogs e variadas plataformas de postagem de conteúdo. Visto assim, o método das ações determinadas por meio da Internet, para os hackers, não significa apenas uma simbologia de ferramenta descentralizada na web. Leva-se em conta que o objetivo maior é difundir um discurso fundamentado na utilização de métodos e compartilhamento de conteúdos e colocá-los à disposição pública.

## CONCLUSÃO

Na perspectiva da análise de Sérgio Amadeu (2011), pode-se concluir que a expansão da internet integrou formas de poder de resistência nas redes contra políticas opostas que ameaçam o futuro da liberdade de expressão e informação na web. Formas estas que tiveram projeções na opinião pública sobre a importância da transparência de informação na nossa sociedade em rede.

A importância do advento do *Wikileaks* no cenário da política mundial pode ser articulada como um momento particular de uma alteração relevante sobre a construção da atual estrutura dos meios de comunicação em massa. A questão principal, que cristalizou em torno do *WikiLeaks*, foi identificar a razão por trás do surgimento do *WikiLeaks* e qual foi sua importância para a sociedade da informação. A questão baseia-se na capacidade do poder da disseminação de informações com o suporte de ferramentas alternativas de tecnologia. Nesse contexto, é abordado o ativismo hacker, configurado como uma potência específica que atua como uma resistência política por meio de ações de controle no ciberespaço.

No entanto, indo além do problema da ilegalidade de revelar documentos secretos, o que está em jogo são os princípios que constroem a ordem internacional que opera na intervenção de direitos básicos da Internet tais como a delimitação da esfera pública e privada, o dever de informar e a luta pela transparência e como esses princípios e características operaram no processo diplomático e como eles poderiam ser conectados ao *WikiLeaks*.



## Referências

- AMADEU DA SILVEIRA, Sérgio. **Ciberativismo**. Cultura Hacker e o individualismo colaborativo. Ed. São Paulo: Comunicação e Cultura – Vol.09 - n02, 2011.
- AMADEU DA SILVEIRA, Sérgio. **O Fenômeno WikiLeaks e as redes de Poder**. Ed. Bahia: Contemporânea – Comunicação e Cultura – Vol.09 – n.02, 2011.
- ASSANGE, Julian. **Cypherpunks: Liberdade e Futuro na Internet**. Ed. São Paulo: Boitempo, 2013.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério; DE OLIVEIRA, Cândida. **Jornalismo Pós-Wikileaks: Deontologia em Tempos de Vazamentos Globais de Informação**. Ed. Santa Catarina: Contemporânea – Comunicação e Cultura – Vol.09 – n.02, 2011.
- COLEMAN, Gabriella. **Hacker Politics and Publics**. Ed. Duke University Press: Public Culture, 2011.
- FERREIRA DA CRUZ, Carole. **Wikileaks, Ciberativismo e a Guerra pela Liberdade de Informação**. Ed. Santa Catarina: Comunicação e Cultura – Vol.09 - n.02, 2011.
- LEIGH, David; HARDING, Luke. **Inside Julian Assange's War on Secrecy – Wikileaks**. Ed. New York: Public Affairs, 2011.
- LYNCH, Lisa. **"We're going to crack the world open": WikiLeaks and the future of investigative reporting**. Ed. University of Maryland College Park. London, 2008.
- OLSON, Parmy. **Nós Somos Anonymous – O poder do mundo dos Hackers**. Ed. Novo Século. São Paulo, 2014.
- PRIMO, Alex. **Interações em Rede**. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- REGITANO CAVALCANTI, Maria Eugênia. **Redes e Ciberativismo: Notas para uma análise do centro de mídia independente**. Ed. Salvador: FACOM – UFBA, 2003.
- ROSNER, Josh. **Can Wikileaks Save Journalism and Democracy?** Ed. University of Canberra, Australia. Global Media Journal – Australian Edition Vol. 5.1.
- SAMUEL WHITNEY, Alexandra. **Hactivism and the Future of Political Participation**. Ed. Cambridge, Massachusetts. Harvard University, 2004.
- SELAIMEN, Graciela B.. **Governos, Empresas, WikiLeaks e Governança na Internet**. . Ed. Bahia: Contemporânea – Comunicação e Cultura – Vol.09 – n.02, 2011.

SIFRY, Micah L. **The End of Secrecy**. Ed. New York, U.S.: The Nation (Wikileaks and the Age of Transparency), 2011.

UGARTE, David. **O poder das Redes**. Ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.